

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 25.

SABBADO 22 DE SETEMBRO.

1860.

ELEMENTOS DE ESTHETICA.

III

DA PINTURA.

I. Natureza desta arte. II. Seu fundo. III. Sua forma, e materiaes. IV. Seu modo de execução.

I. A pintura, de que tratamos em terceiro lugar, é a ultima das artes que fallam aos olhos, artes de desenho, ou artes plasticas.

A posição que a pintura occupa em relação ás outras artes, explica perfeitamente a sua natureza.

Já demonstramos que as artes se classificam segundo exprimem o ideal. As creações das artes não são puros brincos da imaginação dos artistas: são realidades proprias da natureza humana; são representações, brilhantes e raras, do ideal de belleza que existe em nós. Mas esta representação, fraca e annuviada em umas, é frisante em outras, e completa em algumas. Assim, pois, as artes formam uma verdadeira espiral que sóbe da terra aos céus, que vai da materia ao espirito.

Collocada no ponto de entrecceção em que as artes plasticas se separam das artes estheticas, tendo ao pé de si, de um lado, a escultura, e, de outro, a musica, a pintura é destinada a representar ao vivo, a exprimir na teta, por meio do desenho, da cor, da luz e da sombra, sentimentos e pensamentos que escapam ao cinzel do esculptor, acções e quadros que as notas musicas nunca poderão definir.

A pintura é, portanto, uma arte elevada: seu dominio é mais vasto que o da escultura, seus instrumentos mais delicados. A propria muzica inveja-lhe a virtude de exprimir, simultaneamente, imagens, pensamentos, sentimentos e quadros variados; resta á muzica, porém, o dom de fallar mais ao intimo da alma, de traduzir n'um som a emoção mais profunda, de sahir n'uma nota um mundo de sonhos. Por melhor conhecer a pintura, estudemol-a successivamente como fizemos já com as outras artes, em seu fundo, forma execução e historia.

Antes de ir por diante convem indicar os generos de pintura.

Segundo os processos empregados, a pintura é a *oleo*, a *fresco*, em *miniatura*, em *mosaico*, etc.—Em relação ás diversas materias sobre as quaes applicam-se as côres, ha a *pintura mural* ou *monumental*, *pintura em madeira*, em *teta*, *marfim*, *esmalte*, *porcelana*, *vidro*, etc. Em relação aos objectos representados, divide-se em muitos generos: *pintura de historia*, de *batalha*, de *marinha*, de *genero*, de *retrato*, de *paisagem*, de *flores*.

Nossas observações se applicarão a todas as especies indicadas.

II. O que constitue propriamente o fundo dos assumptos da pintura é a alma, a alma humana viva, completa, variada, immensa. O espirito do homem, desde as suas aspirações mais elevadas, até as manifestações mais simples; o coração, desde suas pulsações infantis até o sublime, desde o riso até as lagrimas, desde a felicidade até o desespero, o homem inteiro; eis o objecto mais proprio do pincel do artista.

É insistindo sobre o que levamos dito, é nisto, com effeito, que a pintura se distingue da escultura. Esta arte humanisa o espirito divino; quero dizer exprime o espirito de Deus sob a forma humana, e, portanto, suas creações param no que ha de mais elevado na vida do espirito, a serenidade, o grandioso, o solemne. A pintura, porém, abraça as faces todas do espirito, representa o homem. O particular, o individual, o accidental, o indifferente mesmo, diz Hegel, tem seu lugar na pintura.

Mas, a vida humana, si é o theatro mais bello da pintura, não encerra, comtudo, os limites da imaginação do pintor. A pintura se alarga por um campo mais vasto: o mundo religioso, as scenas da natureza e as da vida humana, entram nas concepções do artista.

Cumpra ter em vista, porém, esta observação de Hegel: «O verdadeiro principio, o fundo essencial, o centro desta arte, é sempre a vida intima da alma. Na representação dos objectos exteriores, nos quadros que retratam a natureza, o que faz seu interesse vital, o que os explica, é sua alma que appa-

rece em sua obra, é a imagem de seu pensamento intimo, ou um echo geral de nossas impressões.»

Hegel e Cousin insistem sobre esta consideração muito valiosa: a alma christã, o sentimento religioso, são o assumpto proprio da pintura, são as suas mais ricas fontes de inspirações.

Com effeito, a pintura é eminentemente religiosa e contemplativa; as creações do pintor são tanto mais bellas, quanto mais representam o intimo do coração humano, os os seios d'alma.

E' por isto que um dos generos de pintura, a de paisagem, com quanto não represente na apparencia mais que simples fórmãs da natureza physica,—um campo, um lago em que reflecta a lua, o oceano, as montanhas,—é comtudo, inspirada por algum sentimento, gracioso ou severo, terno ou apaixonado, é sempre moldada por uma idéa que nella se estampa e reflecte.

III. A fórmula é empregada pela pintura em relação com o seu objecto ou fundo. Este objecto é, as mais das vezes o espirito humano, e, sempre, uma grande paixão, um sentimento elevado. Assim, pois, a fórmula da pintura devia de ser o que ha de mais puro e fino na materia, de mais delicado na expressão.

Com effeito, a arte plastica, a pintura ainda se serve da materia corporea e visivel, mas empregada em uma só de suas qualidades, a *superfície sem profundidade*. Na simples superficie da tela, na extensão dessas linhas sem grossura, se desenham todos os sentimentos e todas as concepções do pintor, todas as creações da arte. E' aqui sobretudo que se reconhece a inferioridade da escultura; esta vê-se obrigada a apegar-se mais a materialidade.

Alem da superficie sem profundidade, a pintura joga com os effeitos da luz. Quem não conhece a magia da luz e da sombra, do claro e escuro, do raio e das trevas? As creações da pintura não recebem a luz de fora como as da architectura e escultura; trazem consigo, como diz Hegel, as expressões variadas da luz e da sombra. E' na felicidade com que as empregam que reside muita vez a gloria dos pintores.

A luz é o principio e a companheira da cor. Uma obra de pintura só é completa quando colorida. Na cor reside tambem o grande mysterio da arte; o pintor que não conhece o emprego das cores, que as não utiliza sagazmente, que não dirige com gosto a combi-

nação, opposição, gradação, e variada applicação das cores, ignora certamente a poderosa magia da pintura. Para esta arte, diz Hegel, a cor é o meio por excellencia.

Para ser completo este rapido exame dos materiaes da pintura, deviamos fallar ainda da *perspectiva*, do *desenho*, do *colorido*, dos *effeitos da luz*, e *magia das cores*. A respeito destas, porem, basta-nos dizer que uma das difficuldades e um dos ideaes da pintura é a *incarnação*, ou, por outra, a expressão da cor natural da carne humana. De todos os seres, nem um existe que tenha, como o homem, uma carne e uma cor tão delicadas, puras e bellas, e, ao mesmo tempo tão adaptadas para exprimir todos os sentimentos e todas as idéas, tão proprias para ser o espelho do espirito. Porisso é que, segundo Hegel, é isto na pintura, um assumpto de tanta importancia para a esthetica, quanto na escultura o do perfil humano.

IV. A execução é a incarnação da expressão, é a forma, é a realisação da arte.

O modo da execução na pintura, isto é, a maneira porque o pintor exprime o ideal, é digno de observar-se com particularidade, porque ainda aqui se revela a natureza desta arte. Com effeito, ao contrario da architectura que pára no indefinito, e da escultura que só exprime bem o espirito humanizado, a pintura abraça tudo, o extraordinario e o commum, o espirito e a materia, o homem e a natureza. Daqui as formas variadas para a execução do pintor.

Mas estas formas se resumem, como diz Hegel, em duas: a *execução ideal*, e, em contraposição, a *execução real*. Duas, pois, serão as escholas proeminentes na pintura: a que se eleva as regiões do ideal, e a que pára na superficie da terra.

Tratando deste assumpto, Hegel examina successivamente a *concepção*, a *composição*, e a *caracterisação* dos personagens na pintura.

A concepção do pintor, isto é, a idéa, o pensamento, o sentimento, destacados ou complexos, que se pretende exprimir na tela, devem ser precisos e determinados, brilhantes e completos. Sobretudo deve o pintor esforçar-se porque o ideal, que imaginou, seja distincto dos ideaes da escultura e architectura. A imobilidade nestes não condiz com a mobilidade propria daquelles.

Depois de concebido, cuida o pintor de *compor*, isto é, de fixar na tela o seu ideal. A composição é o grande esforço da arte. Na pintura a composição será *clara*, e a disposição das figuras ordenada. A clareza da

expressão é condição vital para a boa intelligencia do ideal, é a victoria do artista sobre a natureza. Mas, por ser claro, deve o pintor attender muito aos limites, que, de um lado, separam a pintura da esculptura, e de outro, a distinguem profundamente da poesia. Lessing já havia observado que as situações da poesia não podem ser as mesmas que as das artes do desenho. O que Lessing não observou, porem, Hegel demonstrou, é que, mesmo entre estas, as figuras e situações da pintura differem muito das da esculptura.

Emfim, a obra da pintura, da pintura de retratos, sobretudo, não é completa sem uma caracterisação perfeita dos personagens, quero dizer, sem descrever seus traços essenciaes e pronunciados.

T. B.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

XX.

Ainda não sei o que sahirá hoje desta penna; nem mesmo hei dado um só pensamento ao que deva servir de assumpto para esta minha composiçào! Entrego-me inteiramente ao acaso, e unicamente confiado nos bons desejos que me nutrem de vos agradar e de ser-vos util: deixarei que a penna vá correndo livremente por sobre estas linhas, até que por fim, um fim seja posto na ultima dellas.

Diz um antigo ditado:

«O comer e o coçar,
Está no começar.»

E tanto isto é verdade, que os medicos costumam aconselhar aos seus fastientos convalescentes, com o seguinte aphorismo: «comendo se abre o appetite»; ao passo que severamente prohibem aos affectados de molestias pruriginosas, coçarem-se ainda que de leve.

Agora parodiando aquelle ditado, eu tambem estabelecerei aqui um principio, que por certo não é menos verdadeiro:

Compôr ou escrever,
Muito está no querer.

E como eu desejo, ou quero cumprir esta especie de obrigaçào, a que de coração me submetti, de semanalmente escrever alguma cousa, que vos sirva de estimulo, para capri-

chardes no desempenho da vossa tarefa das composições hebdomadarias: tenho confiança de que a boa vontade me levará ao fim desejado.

Si eu tivesse o dom da poesia, poderia sem a menor difficuldade compor-vos um magestoso canto, tendo por assumpto um passeio que hoje á tarde dei a cavallo.

Talvez vos pareça isto extraordinario? Mas vêde si eu exagero.

Montado em um famoso cavallo, a que em poesia lhe competia o nome de ginete, corcel, ou palafrem, já daqui tiraria materia para um bellissimo episodio; bastava envolver o garboso nome do animalejo, com uma boa duzia de adjectivos, por exemplo, brioso, soberbo, audaz, nobre, crinito, espumante, comado, fiel, docil, ajaezado etc., etc., para ir longe com as tuas linhas metrificadas; e mais longe ainda iria, até mesmo podia subir ás nuvens, si a força da poesia me levasse a comparal-o com o alado Pegaso do Flavo Apollo.

Por isso, já vêdes que vos não enganei; quando dice que se fóra poeta, teria hoje com que compôr um canto; e deveis notar que isto por ora é apenas o panno da amostra, pois pelo resto, até talvez pensarieis que tive assumpto para escrever uma epopéa.

Dirigi-me de casa, a cavallo já se sabe, pela rua do Carmo e sua continuação, que chamam da Boa Morte, á Tabatinguera.

Quando mesmo eu deixasse em silencio as sublimes impressões que como poeta, sem duvida, eu teria da contemplação de tantos objectos dignos della, que em todo este espaço existem, bastava demorar-me minuciosamente na pintura da gretada, barrancosa e medonha via, desde o canto fronteiro á egreja até a ponte que cruza o Tamandoatáhy, para encher paginas e paginas sem conto de versos, cada qual o mais temivel!

Como são felizes os poetas! nisso mesmo que nós outros os profanos não encheremos sinão miserias e mazellas, aquelles abençoados descobrem prodigios, bellezas e sublimidades, que em verdade, encantam e maravillham até ao nosso espirito vulgar.

Por exemplo, aos olhos do poeta, aquelles profundos e multiplicados regos que tornam aquella rua quasi intransitavel... seria... seria?... nem eu mesmo sei o que. Que pena é não ser eu poeta! Mas, emfim, alguma cousa de sublime haviam de ser; talvez, leitões de caudaes ribeiros que serpenteando, tributarios vão lançar suas cristalinas aguas ao placido Tamandoatáhy.

Seria isto pouco mais ou menos; mas onde o olho poetico ficaria completamente extasiado, seria na contemplação das soltas e disseminadas pedras da antiga calçada que parece ali ter existido; onde hoje como alguém o dice:

«Jaz a feia gróta que a vista acanha:
Foi calçada (diz quem ali habita)
Lá nos tempos trazeiros, hem bonita;
Mas quem engolirá esta patranha?»

E o seu extasi seria completo á vista dos grandes barrancos e precipicios que por ali ha.

O poeta todo maravilhado e possuido do sublime, acharia logo as expressões mais elevadas, para descrever de modo encantador todas estas mazellas de deformidade. Elle chamaria aquelle lugar: um sitio alpestre; ás covas e barrancos, grutas ou cavernas; ás aguas da enchorrada, que de cova em cova por ali se vão escoando, a seus olhos seriam soberbas catadupas, cujas aguas impetuosas se vão precipitando de cascata em cascata, produzindo um mar de espuma! Extasiado, o poeta se demoraria admirando o sublime de tudo isto; e o que de comparações! o que de meditações não produziria a sua fertil imaginação!

Não ha como ser poeta!

Mais adiante, elle mudando de estylo, começaria a descrever a amenidade com que corre o sinuoso Tamandoatay; aqui, elle seria todo doçura, mais brando do que a cera, passava do maravilhoso a um estylo enternecedor, pathetico, e... Mas onde irei eu com este andar? Eu que não sou poeta, para que me estou demorando tanto para dizer que fui pela estrada do Mooça, que gostei de ver como ella se vae enchendo de chaerinhas bem bonitas; e que lá entrando em uma, onde fui visitar uma familia do meu conhecimento, quasi que cáio no erro de pensar, que um dos meus discipulos andava correndo montado em um leitãozinho, quando a espanto meu, descubro ser um burrinho em miniatura, o animal que elle montava.

O relógio da Sé deu duas horas;
Acaba, pois, oh penna! de escrever.
Sabei que p'ra fazer composições
Vale mais a vontade que o saber.

C: Y. 7 de Agosto de 1857.

O BRASIL.

Os templos soberbos da Grecia formosa,
Os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
Não cobrem, não ornam meu patrio Brasil.
Estatuas não temos, primores das artes,
Mas temos os bosques por todas as partos,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Os rios gigantes, as limpidas fontes,
As flores, os fructos, os prados, os montes
Esmaltam, protegem meu patrio Brasil;
E o canto das aves na selva escutam,
E o sol não tememos, e a sombra buscamos
Nas verdes palmeiras viçosas a mil.

As Venus, as Graças, os loucos amores,
Celestes no marmor, na fórma, nas cores
Não temos, não temos no patrio Brasil:
Mas temos as virgens d'olhar expressivo,
De rosto moreno, caracter altivo,
E as verdes palmeiras viçosas a mil. •

E virgens e homens, e bosques e mares,
E tudo que vive na terra, nos ares
E' bello, é sublime no patrio Brasil:
Azul é o ceu, as florestas formosas,
Valentes os homens, as virgens mimosas,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

1853.

A. Marques Rodrigues.

MISERIAS DA ESCRAVATURA.

(SCENAS VERIDICAS).

(Continuado de p. 197.)

X

Dois dias depois das scenas que descrevemos, um facto veio augmentar a colera do fazendeiro, e d'elle certas apprehensões que lhe fizeram sentir, talvez pela primeira vez — ao menos pela primeira vez depois que elle possuia fazenda e escravos, que a consciencia incommoda muito quando não está completamente socegada.

O facto é este:

Ao escurecer do dia em que os africanos se tinham evadido, as pessoas incumbidas de procural-os voltaram, umas apoz outras, sem trazerem si quer a menor noticia do rumo seguido pelos fugitivos. Faltava, porém, o creoulo, e o fazendeiro tinha fé que este seria o melhor cão e o mais diligente em descobrir a caça, pois que o atormentava a fome de vingança.

Porém a noite se adiantava e o creoulo não apparecia.

Então o fazendeiro sentio o coração carregar-se um pouco, e a consciencia, á proporção que o tempo corria, ia-lhe mostrando os objectos e os factos taes quaes eram perante a verdade, e não como elle queria que fossem. Então este homem duro, para quem todas as leis da moral deviam-se curvar impotentes ao peso da palavra—Eu—sentio a cabeça curvar-se involuntariamente sobre o peito, e seu espirito vacillar ao apparecimento e ao choque de duas idéas encontradas. Estas idéas se resumiam nestas duas perguntas a que sua consciencia o obrigava a responder: o escravo é um ser intelligente e livre?—O escravo é materia bruta?

O fazendeiro estava n'um aperto horrivel. A questão lhe parecia impossivel de resolver-se, porque elle raciocinava assim: Si o escravo é um ser intelligente e livre—o escravo é igual a um branco... Ora, como o homem branco os seus principios de honra se revoltavam contra tal consequencia. Si o escravo é materia bruta—para que hei de eu estar a martelar a cabeça com essas *babuzarias*... Mas aqui é que a consciencia lhe doia, porque ataridação do creoulo lhe fazia vir um pensamento que contrariava o seu modo de pensar, e o collocava assim na incerteza.

Este pensamento era o seguinte:

— A ceia está na mesa, senhor, disse uma pretinha que se tinha chegado á rede aonde elle estava sentado, interrompendo assim o pensamento que ia nascendo.

O convite, porém, da ceia veio muito a tempo, porque o fazendeiro estava realmente incommodado com as luctas interiores. Levantou-se rapidamente—não como um homem que achasse de repente salvação ao perigo que o ameaçava, ou resposta ao que estava pensando, mas como um homem que está com fome—não obstante haver jantado perfeitamente bem.

Com effeito, sentando á mesa o fazendeiro se esqueceu de tudo: ali não precisava que elle pensasse, nem que resolvesse questões: estava no seu elemento.

Entretanto chegou a hora de recolher-se e o creoulo não apparecia...

— Pois que leve o diabo!... exclamou o fazendeiro, levantando-se e dirigindo-se ao seu quarto de dormir.

A materia o dominava. Dormiu como se não houvesse *pregado olho* duas noites.

.....
Eram nove horas da manhã.

O fazendeiro inquieto passeava pela sala, de vez em quando olhava pela janella a ver

se via chegar as pessoas que mandára procurar o creoulo. O creoulo até aquella hora não apparecera.

O pensamento que na vespera tinha sido interrompido pela ceia, surgia de novo, e agora com maior vulto.

Este pensamento era o seguinte:

— Dá licença, compadre, disse de fóra uma voz sonora.

Desta vez o fazendeiro voltou-se com raiva, e sentia ser interrompido. Porque?

O personagem que entrou sem esperar pela resposta, era um homem de perto de setenta annos de idade, porém que parecia ter muito menos; e isto, a nosso ver, tem uma explicação.—Este fazendeiro (tambem o era) levava uma vida, digna em toda a extensão da palavra, dos maiores encomios para uns, e de grandes censuras para outros.

Os que o elogiavam, homens de honra, poucos é verdade, queriam que elle fosse o typo do fazendeiro. Homem instruido, conhecendo bem a sociedade no meio da qual vivia, em theoria elle repellia a escravidão, na pratica acceitava-a, fundado em razões que acreditava serem reaes na actualidade, mas que tambem cria que a acção do tempo viria aos poucos destruil-as. Comtudo, entendia elle, que a pratica da escravatura devia estar sujeita a uma lei geral: a caridade.—Isto entendia elle e praticava; mas acreditando que toda idéa nobre, não se deve resumir sómente em um individuo, ou em alguns, mas espalhar-se a todos, o honrado fazendeiro quiz tornar-se um apostolo da lei da caridade para com os escravos. Suas idéas, porém, tinham pouco echo: á excepção de alguns corações nobres que seguiram o seu exemplo, os mais, estimando-o, riam-se d'elle.

Os que o censuravam, muitos é verdade, davam-lhe o epitheto de *Philosopho*, não acreditando que a raça preta podesse servir para outra cousa senão para escravos, e que a pratica da escravatura deve estar sujeita unicamente á lei do—interesse. Si é verdade que Deos se occupa das nossas miserias, a sua sabedoria julgará de que parte está o erro.

Acreditamos, porém, que o *Philosopho* marchára pela senda da verdade, porque, aos seus bons sentimentos, á sua consciencia sempre pura se unindo á habitos simples de uma vida regular, elle se afastára da passagem fatal da velhice. Talvez seja um paradoxo este nosso pensar, mas ninguem nos persuadirá que o homem vicioso, que o ho-

mem de máos sentimentos, tenha a mesma longevidade que o homem honrado.

—Então, compadre, disse elle sentando-se, parece que está zangado? Os escravos lhe fizeram alguma?

—Compadre, é melhor não tocarmos nesse assumpto, porque sempre brigamos. Fique lá com as suas idéas, e deixe-me com as minhas.

—Está-se *espinhando*, compadre! Parece que isso quer dizer que as minhas idéas, á força de serem repetidas, vão-lhe parecendo menos *extravagantes*? Ande lá, olhe que ellas se firmam em factos...

—Qual factos, compadre! Pois acredita que eu não tenha mais que fazer do que estar a educar negros como se elles fossem fidalgos? Você é um escandalo, compadre! Que significa entrar uma visita em sua casa e o ir encontrar rodeado de macacos?... macacos agarrando-lhe nas pernas, macacos trepados nos joelhos,—macacos por toda parte! quando elles deveriam estar na cozinha, ou junto de suas mãis! Isto é ridiculo, compadre! Você serve de escarneo a todas as pessoas sensatas!

O outro era impertubavel. Surriu-se, um riso de quem queria dizer: ignorantão, e replicou.

—Vamos aos factos, meu *cabeçudo*. Os meus escravos tem uma tal e qual educação: ensino-lhes a religião christan, fasso-lhe sermões, procuro tornal-os meus escravos e meus amigos. Que mal ha nisso? pois você acredita que um escravo é como um burro, incapaz de ter algum sentimento moral? Erro prejudicial, compadre! até um crime! Procuremos tornar desses infelizes que a fatalidade persegue, sinão creaturas intelligentes, ao menos felizes na sua vida material. Não me importa que você aceite ou não esta idéa. Tomar o escravo, educal-o, tirar do seu trabalho regular as despesas que nos custam—mas nunca exigirmos delles, o que está acima de suas forças. Deste proceder resultam muitas consequencias boas: primeiramente...

—Não diga barbaridades compadre! Você é ridiculo, absurdo, maniaco com essas idéas que ninguem aceita! Como é que você pode-se persuadir que é um negro é susceptivel de educação! Você não está vendo todos os dias exemplos de escravos, a quem os senhores tractam com amisade, pagarem-lhe com *ponta-pés*! O escravo é para trabalhar, a sua bondade se mede pelo maior ou menor trabalho que executam. A

sua educação é o relho: se levantam a cabeça, se *impacam*—o que é que se faz a um burro ruim? pancada e mais pancada!

—...primeiramente, continuou o outro sorrindo como da primeira vez; primeiramente, o escravo que trabalha com consciencia do seu dever, em sete horas de serviço consegue mais do que outro em doze, quando este trabalha forçado: exemplo os meus escravos que trabalham mais do que os seus; em segundo lugar o repouso sufficiente que lhes dou, a fartura em que vivem, a brandura das penas que lhes applico, fazem-me evitar scenas escandalosas e repugnantes, como são os repetidos suicidios, as mortes de escravos após grandes *novenas*, resultado da maneira porque você e outros tractam esta gente.

—Compadre, cortemos a questão para evitarmos alguma *rusga* que já não está bem na nossa idade, principalmente hoje em que estou com a cabeça ardendo com uma que me fizeram os demonios dos meus escravos.

—Então o que é? conte-me isso.

O fazendeiro contou ao seu compadre e amigo o succedido entre o creoulo, Rosa e Antonio, e terminou communicando-lhe o medo que tinha de que o creoulo não fosse assassinado por Antonio.

—Eis ahi! moralizou o outro que não perdia *vasa* para fazer triumphar as suas idéas. Fique certo que o creoulo está morto, e quem sabe se os mais tambem... E isto não é uma coisa que dóe na consciencia, que fêre os principios de honra, que corta o coração de dores?...

E o honrado *Philosopho* limpava uma lagryma que lhe saltou dos olhos, vinda do coração.

O fazendeiro calou-se. A consciencia dos actos que elle practicára fez-lhe emmudecer os labios e confessar a sua culpa.

O seu arrependimento tornou-se verdadeiramente real quando um preto, todo assustado, entrou pela salla a dentro dizendo:

—Senhor, o creoulo está morto lá na entrada do cafetal.

O fazendeiro empallideceo, mas não disse uma palavra, somente olhou para o seu amigo. Este olhar era eloquentissimo, e o outro o comprehendeu e seu coração exultou porque naquelle momento um dos mais accerrimos inimigo de suas idéas tinha-se confessado vencido. Porem era um arrependimento mudo, elle queria que o seu inimigo confessasse alto a sua culpa e lhe promettesse de ora em diante seguir as suas idéas.

Esta promessa não tardou a verificar-se. Um outro preto, que seguira caminho diverso á procura do creoulo, voltava fazendo um grande rodicio pelo matto, e entrou tambem pela salla a dentro com o semblante horrivelmente desfigurado.

—Senhor, Roza e Antonio lá estão mortos dentro do tanque.

O fazendeiro succumbio desta feita. Então acreditou que um escravo tem coração, é capaz de sentir, e esta historia que narramos pesou-lhe no coração e o queimou como chumbo derretido.

Levantou-se, chegou-se ao seu amigo, apertou-lhe a mão, e por entre duas lagrymas, seus labios disseram :

—Compadre, de ora em diante eu sou dos seus.

Inda bem que o arrependimento chegou.

O estudante, algum tempo depois, soube do seu amigo *Philosopho*, com quem entreteve relações, que o fazendeiro havia cumprido religiosamente a sua promessa.

FIM.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 200.)

FERN.—Que bella desculpa, sr. cavalheiro! Estará louco aquelle que é capaz de dizer-te em face que te introduziste vilmente em sua casa, para enxovalhá-la, e que, repellido della pela mais pura das mulheres, envergonhado do seu despreso, teceste a mais infame cilada de conivencia com um dos seus famulos—verdadeira transacção de laçao a laçao!?. Estará louco o homem que te cospe tantas injurias no rosto e com quem te não queres bater porque és um coarde, porque tens medo?! Responde, miseravel!

D. FRAN.—Fernando d'Avila, a ferida que de ti recebi, as injurias que acabas de lançar-me em face—sangram ainda!—mas eu... não quero bater-me contigo, porque eu estou assaz vingado!

FERN.—Um duello entre nós...

D. FRAN.—Um duello? mas eu não posso accetá-lo, porque, repito-o, estaes louco—e a justiça já te reconheceu como tal!

FERN.—Esperavas, sim! que a justiça fosse cúmplice da tua infamia! que me ar-

rancassem desta casa! que me separassem de minha mulher! (*No auge do furor*). Infame, o que vieste ainda hontem fazer á esta casa?!

D. FRAN.—Eu?... Pois bem: o meu plano é este! é esta a minha vingança!

FERN.—(*Atirando sobre elle*). E a minha... é esta! (*D. Francisco cahe ferido*). Maria! estás vingada!

SIM.—Deu-lhe em cheio!

GRA.—(*A' parte*). Como acabou mal toda esta trapalhada!....

SCENA 3.ª

Os mesmos, Maria, a Condessa, o Conde, o magistrado, o medico, parentes, amigos, creados.

CONDES.—Que tiro foi este?—Um assassinato!

MAG.—Quem foi o autor deste crime?

D. FRAN.—(*Erguendo-se a custo*). Foi elle!.. o Visconde d'Avila.... que me assassinou....

TODOS.—Que o assassinou?..

SIM.—Matou-o, é verdade! mas a justiça não póde prendê-lo, porque o infeliz..... está louco!

TODOS.—Louco!

SIM.—Louco, sim! este papel o diz: vós todos o assignastes.

GRA.—(*A' parte*). Sempre sou muito burro: agora é que eu entendi a tramaio!..

D. FRAN.—E'... falso....

SIM.—Ora, vá dormir. Falso como, si V.ª Ex.ª tambem o assignou?

D. FRAN.—(*Expirando*). Oh!... a justiça.... de Deus....

MAG.—(*Depois de examinar o papel que lhe dá Simões*). Este papel está em regra: e este homem.... reconheço-o como um louco:—como tal a justiça procederá para com elle. Agora, senhores, nada mais tenho a fazer aqui. Meus senhores.... (*Comprimenta e sahe*).

MAR. Fernando! louco?!—o que será de mim?.. (*Correndo para elle*). Fernando, Fernando!

FERN.—Não estou louco, não, Maria! conservo toda a minha razão para adorar-te eternamente.

FIM DO DRAMA.

NOTA.—Publicando aqui uma carta, que nos foi dirigida pelo exm. sr. Thomaz José Pinto de Serqueira, sobre o nosso trabalho,

que no dia 5 de janeiro deste anno fôï aprovado pelo Conservatorio Dramatico Brasileiro, não temos em vista alardear louvores benevolamente concedidos a um escripto que nem é original; queremos apenas significar assim o apreço que ligamos ao illustrado censor, que nos honrou com a sua animação.

Cumpra aqui declarar que nos vimos em serios embaraços para dar um nome ao nosso trabalho nesta comedia-drama: o original é francez: não o traduzimos meramente: accommodamo-lo aos nossos costumes, ou antes, aos costumes portuguezes, como neste caso convinha: Antonio de Serpa chamou seu o drama *Dulila* de Octavio Feuillet: na transmutação que fez, teve menos difficuldades que nós: assiste-nos, portanto, igual ou maior direito. Por isto chamamos nosso este drama.

A carta do exm. sr. Pinto Serqueira é a seguinte:

«III.ªs Sr.ª—Li o drama que V.ªs S.ªs tiveram a bondade de enviar-me e que tem por titulo—*O romance de um moço rico*—. Querem V.ªs S.ªs que eu a respeito delle dê o meu parecer; mas confesso-lhes que não sei para quê: minha opinião é muito pouco significativa: não me parece nem que qualquer elogio meu os deva ufanar, nem que qualquer censura os deva desanimar. Todavia direi o que penso, e di-lo-hei com a franqueza que costume, e que V.ªs S.ªs sabem costuma ser antes rude que lisongeira.

«A acção é dramatica. Com efeito não pôde deixar de incitar interesse um moço de genio taciturno e melancolico, uma especie de *misanthropo*, que porém concêbe uma paixão, da qual seus parentes buscam aproveitar-se para o despojar.

«Os personagens são bem delineados: a Condessa, mulher intrigante; o Conde, perfeita nullidade. Talvez alguns retoques em D. Francisco de Menezes, que o mostrem mais sensual, e em D. Fernando, que o apresentem mais *misanthropo*, fizessem crescer o interesse.

«O tabellião e seu escrevente me parecem optimamente descriptos, conservando sempre o mesmo character. Quer um, quer outro—são personagens verdadeiramente comicas, e a respeito delles se pôde dizer o que diz Walter Scott a respeito do Juis Jarvies, ou como se chama, do Rob-Roy:—um autor que tem a felicidade de encontrar taes typos, pôde dar por elles uma boa dose de outros.

«As scenas se acham bem ligadas:—par-

te esta á que ordinariamente se não dá muita importancia, mas que a tem e muita.

«A linguagem é regular: si não é classica, tambem não se acha deturbada com gallicismos: é a linguagem de que usamos geralmente, e, bem que pese a pragentos, é a que me parece propria para composições desta ordem.

«Dizia o velho Horacio:

..... *si volet usus,*
Quem penes arbitrium est, et jus, et norma loquendi.

Não me parece que para ser rigorista deva o autor dramatico correr o risco de não ser entendido por metade ou mais dos espectadores. Os habitos de um povo vão mudando todos os dias; não sei porque só o geito da phrase se ha de conservar sempre estacionario.

«O desfecho me parece alguma cousa ariscado: o mesmo, porém, em meu entender seria perfeito si houvesse maior jogo de ironia.

«Em resumo: o drama, que V.ªs S.ªs tiveram a bondade de enviar-me, não é modelo; todavia é das melhores composições, que ultimamente tenho visto neste genero: as suas boas qualidades exceedem em muito os defeitos, que me parece ter.

«Não lhes offereço uma longa dissertação sobre os principios e regras, que deve seguir o escriptor dramatico, porque a esse respeito mais sabem V.ªs S.ªs que eu: e nem me sobra tempo para escrever longamente, nem o costume fazer, quando não vejo utilidade.

«Agradeço a V.ªs S.ªs a consideração, de que me deram prova, e que, filha de sua muita benevolencia, só pôde mercecer a estima e amisade que lhes consagro. Espero que em cousa, em que melhor os possa servir, me darão occasião de poder mostrar que sou, etc.

«*Thomas José Pinto de Serqueira.*

«Rio de Janeiro: 2 de janeiro de 1860.»

ADVERTENCIA.

A publicação deste jornal, do presente anno, finalisa-se com este numero.

DA REDACÇÃO.